

## CORES

Por Bruna Sá Teles Santos

Cinza é o que me cercava durante todo esse tempo. Mas isso não importa. Nem mesmo meu nome. Apenas o cinza e algumas vezes o preto das minhas roupas e das de minha colega de cela. Eu não estava presa. Apenas segura de mim mesma, como aquela garota dizia.

Ela tinha medo. De tudo. Dos sons, da luz do dia, das minhas palavras, da minha voz, tinha medo de olhar para mim, de falar comigo, mas parecia que já estava se acostumando, por causa do tempo que estávamos juntas ali naquele lugar.

Não era uma cela de fato. Mas isso não importava. Eu estava cansada. Daquele cinza todo, daquelas paredes cimentadas, daquela porta de ferro com visão para o corredor. Cansada daquela janela com grades de aço, daqueles meus rabiscos que algum dia eu cheguei a considerar como arte.

Precisava sair. Mas sempre que eu pensava, era impedida por aquela garota.

Eu jurava que apenas sussurrava, a ponto de nem mesmo as vozes escutarem, mas estava enganada. Ela sempre ouvia.

– Eles vão te pegar... – agora mais calma, – Ele... vai te pegar.

Ele. Eu sabia quem era ele, mas também não sabia. Não sabíamos o nome dele por isso apenas conhecíamos por "Ele".

Como disse antes, eu não estava presa, aquela porta de ferro estava sempre aberta, escancarada, mas sabíamos que não poderíamos sair, era como se estivéssemos de dieta, e colocassem um bolo de chocolate de isopor com veneno na nossa frente. Era mais seguro não se arriscar.

Mas isso não importava. Eu apenas queria sair, saber se existia mais alguém ali e, se existisse, quantos estavam na mesma situação que a minha.

A garota me encarava enquanto suplicava para que eu ficasse. Acho que ela sabia que dessa vez era diferente. E que eu não voltaria mais.

Olhei para a porta aberta, e meu espírito despertou. Não me sentia assim há muito... Tempo. Eu estava acordando. Sabia disso.

No momento em que levantei da cama, ela se apressou para pegar em meu braço e suplicar mais uma vez para que eu ficasse, dessa vez chorando. Eu conseguia ver tristeza e desespero em seus olhos. Eram verdes. Eu nunca havia percebido a cor deles.

Foi então que eu a abracei. Ela precisava daquilo. Assim como eu. A diferença é que apenas ela chorava. Eu não tinha lágrimas.

Ela me apertou de volta, talvez para que eu não fosse ou talvez porque

ODISSEIA  
Literária

N.º 1, vol. 2, 2021

ela sentia a necessidade daquele gesto tanto quanto eu. Aproveitou e me cheirou. Eu senti aquilo. Eu sentia tudo. Mas nada saía, não podia mais demonstrar nada. Não conseguia. Eu estava vazia.

– Eu acordei. – foi o que disse quando a soltei e segui para a porta. Não queria olhar para trás, mas o fiz, e completei:

– As plantas têm um cheiro fresco. – e sai pelo corredor.

...

Cinza. Mais cinza. Todo o corredor era cinza. E a cada passo que eu dava, ele ficava maior e mais cinza. A incerteza acinzentada me cercava até que eu comesse a escutar um barulho. Aquele ruído se tornou um combustível para que eu o seguisse o mais rápido que minha exaustão deixasse.

Eu estava me aproximando. Estava quase lá. Logo surgiu uma porta. Outra porta de ferro aberta.

Agora, o barulho era mais nítido parecia uma colisão repetitiva de pedras. Então a curiosidade e o medo me abraçavam, mas a primeira tinha o aperto mais forte, e me fez dar mais um passo e olhar para dentro daquela outra cela.

Marrom e com um homem dentro, aquele lugar era diferente de onde eu vinha.

Era maior. Não tinha grafite ou pedra, mas enquanto havia argila sobre uma mesa de madeira, na mão daquele rapaz tinha um pedaço do mesmo material da mesa e parecia que o barulho vinha daquela ferramenta, pois na hora que apareci no campo de visão dele, aquele som tinha parado.

Mas aquele rapaz tinha algo que eu já conhecia: o mesmo olhar que aquela garota.

Eu não sabia o que fazer. Ou dizer. Se entrava ou não.

Dei dois passos a frente e voltei a correr por aquele lugar.

O corredor ficou mais largo e no meu campo de visão apareceu outra porta aberta, mas a cor do ferro era mais clara. Como se fosse mais nova. Não ouvi nenhum barulho estridente ou abafado, mas senti um cheiro diferente. Fresco.

Um passo e olhei para dentro.

Verde. Mais escuro do que os olhos da garota, e estando ali uma mulher, o quarto era enorme em comparação ao meu e ainda mais distinto. Havia plantas. Há quanto tempo eu não via plantas?

Olhei mais para aquela moça. Ainda que o olhar parecesse o mesmo, tinha algo diferente. Em um momento pensei que ela havia se inclinado para frente, em minha direção, mas não deu um mísero passo.

Me afastei lentamente, continuando o trajeto. Mais alguns passos e...

Uma porta de madeira. Roxo. Outro homem. E mais um cheiro que eu não soube identificar até olhar para dentro. Havia fumaça saindo de um

maço de plantas, aquilo exalava um aroma aconchegante. Ele também tinha o mesmo olhar, mas com um pingo de coragem. Se aproximou minimamente, e eu me lembrei daquela garota e corri.

Corri e passei por uma abertura. Porta de plástico. Voltei e vi. Azul. Outra mulher.

E de frente para mim outra porta na parede contrária, mas dessa vez mais larga e... Aquilo era o céu? Era uma janela. Enorme. O céu estava da cor do quarto, mas olhando para baixo havia plantas, árvores floridas. Era um infinito de azul, verde e roxo.

Com o olhar sutil e expressão serena, ela chegou perto de mim. Tentei não correr. Seu rosto estava se mexendo. Não seu rosto. Sua boca. Estava tentando falar alguma coisa e quando terminou deu um discreto sorriso.

Eu não escutei nada. Mas ao ponto que ia me afastando do quarto, comecei a sentir o estômago embrulhar, uma dor de cabeça e a garganta embargada.

Eu já estava perto da outra porta quando meus joelhos não conseguiram mais me suportar e, ao sentir o chão, percebi que não fui a única a cair, pois os meus olhos não viam mais nada com tanta água que os preenchia e saía deles.

Como ela tinha tanta certeza? Quão fácil era pra ela dar aquele sorriso?

– O que está fazendo aqui?! – me dando um susto. – Você não deveria estar aqui. Ele vai te encontrar!

Quando encarei o que ou quem estava dizendo aquilo, percebi que era mais um homem e suas roupas eram amarelas. Ele não perguntou o porquê das lágrimas.

–Vamos! Rápido! Tenho que te esconder! – sussurrando, me levantou depressa sem pestanejar, enquanto eu ainda estava atônica.

Amarelo. Outra janela. Sopa.

No lugar da cama havia um sofá. Duas mesas: uma com a sopa em uma tigela e na outra com lápis, papéis e latas de tinta marrom, verde, azul e amarelo.

–A mesa! – eu não tive tempo de questionar nada, em meio segundo eu já estava debaixo daquela mesa, coberta por uma toalha amarela.

E silêncio.

Por algum tempo não escutei nada além da minha respiração. Até ouvir sons de passos. Passos de sapatos italianos.

Ele estava ali.

Eu podia sentir. A bengala batia no chão, sua cabeça e rosto sem pelos, seu Lorgnon deveria estar na ponta de seu nariz, e suas roupas, assim como sua pele, era o mais colorido dos arcos-íris.

A aparência da caça. Então seu andar estagnou.

– Sopa de abobrinha? Um clássico, não é? – notei que examinou a comida sobre a mesa onde eu estava. – Soube que um passarinho saiu da gaiola... Sabe se ele veio cantar por aqui, Allawn?

– Não, senhor. – aquele rapaz estava com medo, mas respondeu com segurança.

– Que pena... Eu nem tive a oportunidade de escutar o meu novo animalzinho... Mas talvez eu pudesse finalmente me agraciar com tão formosa melodia... Já que ela está bem aqui.

Ao dizer aquelas palavras, tudo que eu estava escutando ou vendo se escureceu como um doce sono profundo.

...

Um vento gelado cobria meu corpo e ainda que eu estivesse com os olhos cerrados pude sentir meu corpo deitado no chão mais frio que o vento.

– Finalmente acordou. Já era hora. – era ele. Eu sabia, mas não me atrevi olhar. Nunca me atreveria olhar. – Sabe... Eu esperei muito para que você acordasse, – dizia aquilo se levantando. – e finalmente começasse a cantar para mim. Você era quase a minha preferida, quase tão parecida comigo. Se fosse mais escura seria mais perfeita: a absorção plena da luz. É uma pena que esteja aqui nesse quarto tão parecido com você. – foi então eu abri os olhos.

Cinza. Eu tinha voltado.

– Uma pena maior é esse pelame em sua cabeça. Mas não tem problema. Vamos resolver isso agora mesmo. – nesse instante, meu corpo foi puxado ao mesmo tempo em que eu sentia meu cabelo sendo puxado enfurecidamente. Ele estava os arrancando.

Eu apenas me permitia gritar. A dor era mortal. Enquanto ele arrancava, algo afiado passava em minha cabeça. E eu não parava de clamar com meus gritos.

– Enfim a encantadora melodia! Cante passarinho cante! Sinta a cor da revolução jorrar de dentro de você!

Eu sentia. Uma terrível tortura.

Era quente e frio e estava me rasgando. Me cortando. Aquela lâmina me perfurava e me rompia.

A cada tranco que aquele celerado exercia sobre meu corpo, minha humanidade se esvaecia.

E quanto mais eu urrava, aquela mulher do quarto azul aparecia.

“Está tudo bem.”

Nada estava bem.

“Nós vamos sair daqui.”

Eu não estava saindo. Estava soterrada entre os dedos imundos daquele monstro.

– Acho que é o suficiente. Ah não, que lástima... – meu corpo foi

largado. – ... Você está coberta de vinho. Olhe!

E me virou.

Quando abri os olhos, e vi que estava de volta na cela acinzentada, apenas consegui me lembrar daquela garota.

Por que ela não estava ali? O que ele havia feito com ela?

Muitas perguntas que foram respondidas em uma pequena fração de tempo.

Eu olhava agora para ela.

No chão.

Nua.

Com marcas roxas e marrons. Coberta de vinho e de cor da revolução. Ela estava ali. Bem de frente pra mim.

Ela tinha gritado. Tinha sentido dor.

Medo. Tudo

E agora estava ali. Me encarando.

Naquele espelho.